

ATUALIZANDO A CENA... DE FATO
OU
CRONICA DE UMA TEORIA ANUNCIADA ¹

Laurice Levy ²

Acreditamos que o título do Congresso é muito sugestivo para as nossas reflexões. Sem dúvida alguma, o termo “**atualizando**” nos faz pensar em revisões, correções e quem sabe talvez...mudanças.

Sem pretensões, mas imbuidos deste espírito “atualizador”, permitir-nos-emos viajar através da “velha” psicanálise e do “novo” psicodrama nesta nossa apresentação. Este *novo* merece maiores explicações uma vez que ele se torna ambíguo quando pensamos no que ele significa de fato. Senão vejamos: em agosto de 1992, ou seja fazem *apenas* 6 anos, em vários artigos publicados na revista “Psicodrama” ³ encontramos elementos fundamentais que nos incitaram a escrever. Pontalis⁴ afirma que só escrevemos quando algo nos inquieta. E é esta inquietação que se apodera de nós que promove o desejo de compartilhar com os colegas as questões que nos vêm à cabeça.

Na realidade, alguns poderiam argumentar que 6 anos é muito tempo. Entretanto como, segundo Einstein e os mais renomados físicos, o tempo é sempre relativo, poderemos concordar com esta afirmação, mas poderemos também dizer que, no panorama global das ciências e das teorias, 6 anos é muito pouco tempo. Assim, na via de acesso que escolhemos para nosso trabalho, consideraremos de fato que 6 anos não representam quase nada em se

¹ Trabalho apresentado no 11º. Congresso Brasileiro de Psicodrama e 4º. Encontro Latino Americano. Campos de Jordão - 4 a 7 de novembro de 1998.

² Psicanalista pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, ligada à IPA. Mestre em Psicologia Clínica - PUC-RJ, Terapeuta de Família -Núcleo-Pesquisa, Diretora Adjunta da ATF- RJ, Associação de Terapia de Família do Rio de Janeiro e Psicodramatista - Delphos Espaço Psico-Social.

³ PSICODRAMA : Revista da Sociedade de Psicodrama de São Paulo - SOPSP, . Ano IV - n. 4, agosto de 1992.

⁴PONTALIS, J.B. « Bornes ou Confins ? » In: Nouvelle Revue de Psychanalyse. Paris, Gallimard, n. 10. Automne, 1974.

tratando da história da ciências. Assim também como chamar de “novo” o psicodrama poderia parecer absurdo, uma vez que ele não é tão novo assim. Afinal de contas, Moreno criou o seu psicodrama há mais de 70 anos atrás (em 1 de abril de 1921 ?) . E portanto, já faz algum tempo. Mas como já foi dito acima, em vários artigos de 1992, vemos colegas dos mais conceituados referirem-se a termos como “pioneirismo”, “revolucionário”, etc, etc, etc... para se referirem ao psicodrama.

Por outro lado, a psicanálise, hoje, pode ser vista como reacionária, velha e ultrapassada. É possível de fato apontar vários erros metodológicos e clínicos que foram se revelando através destes 100 anos de existência. Todavia, mesmo concordando com as críticas que se fazem à psicanálise, em um trabalho que apresentamos num debate, denominado “Freud atual ou ultrapassado”⁵ falávamos do retorno ao Milenar, como tecnologia de ponta. É verdade que em se tratando da psicanálise sem dúvida alguma este retorno tem que ter um caráter renovador e não ficar preso a antigos e ultrapassados dogmas. E isto já está acontecendo. A psicanálise mundial está fazendo uma completa reformulação a partir da observação dos excessos cometidas pelos psicanalistas mais ortodoxos, que serão pontuados na página 8. Mesmo assim, pergunta-se

“... se é possível falar em ultrapassado de algo que serve de base ou de apoio para tantas e tão variadas formas de terapia ? Negar a existência do inconsciente é como voltar a dizer que o mundo é quadrado. Ou então como se fosse possível retornar à época anterior à invenção da roda. Os primeiros carros inventados estão ultrapassados ? Sem dúvida, mas o essencial - a roda - permanece em todos os carros, pelo menos até que se inventem carros voadores, como se vêem em desenhos animados, como os Jetsons, por exemplo”.

e ainda:

⁵ LEVY, L. - “Freud - Atual ou ultrapassado”- trabalho apresentado no Delphos Espaço Psico-Social, Rio de Janeiro, em 1994.

“ ... é interessante perceber este retorno ao milenar como a homeopatia, a acunpuntura (com a mocha-bustão), a medicina ortomolecular, os florais de Bach ou de Minas demonstrando este « eterno retorno »⁶... do mesmo. Desta forma, o homem moderno utiliza a natureza, as soluções dadas pelos nossos antepassados e até mesmo pelo homem primitivo para curar seus males. Quem não conhece casos como o de um cirurgião que terá vergonha de dizer à sua paciente para tomar remédio da homeopatia para curar edemas, e orientará sua secretária para fazê-lo, indicando *arnica*, por exemplo ? ”

Estes médicos se esquecem de que a *arnica* tem princípios farmacológicos conhecidos e eficientes, mas que foi relegada ao limbo pela chamada “modernidade”. Assim, quem sabe não seria interessante poder cruzar o “revolucionário” (o Psicodrama) com o “conservador” (a Psicanálise) gerando um produto que é muito mais do que a soma das partes. A bem da verdade deste “velho revisitado” pode renascer um “filho novo”, enriquecido desta herança ou destes “gens” mais fortes, vivos, atuais e adequados que nunca. Como, aliás, **já** está acontecendo. Muitos psicodramatistas estão criando assim um “novo-novo”.

Entretanto, é importante sinalizar que provavelmente o Psicodrama como concebido por Moreno (com toda a sua criatividade e espontaneidade) continuará sempre forte entre aqueles que o utilizam pensando estar calcados em sua filosofia e visão de mundo: “*Weltaunchaung*”. Em nossa opinião existe um lugar para todos os tipos de abordagens, sem que necessariamente uma exclua a outra. Moysés Aguiar⁷, grande conhecedor do psicodrama, explicita com muita clareza as diferentes focalizações ao praticá-lo hoje em dia. Fala das vantagens e desvantagens de cada uma delas. No entanto, o que desejamos pontuar neste trabalho é que algumas vezes torna-se impossível deixar de se “contaminar” por outras abordagens. Perazzo⁸ em 1994 ensina:

⁶ NIETZSCHE, F. W. - “Obras Incompletas”. Abril Cultural, São Paulo, 1978. Série “Os Pensadores.

⁷ AGUIAR, M. - “As diferentes focalizações na prática do psicodrama” in: Rosa dos Ventos da teoria do Psicodrama. Ágora, São Paulo, 1994.

⁸ PERAZZO, S. - “Ainda e Sempre Psicodrama”. Ágora, São Palo, 1994.

“... Ninguém hoje, concordo plenamente com Fonseca Filho, pode se arrogar o título de psicodramatista “moreniano” em estado de pureza de dezoito quilates, não mesclado a qualquer outro referencial científico de domínio humano”

e isto não é prerrogativa nossa, dos brasileiros,

“... o psicodrama internacional não é puramente moreniano, aproximadamente há quarenta anos...”.

Sabemos, então que este tema não é nem inédito nem tampouco “novo”. Entretanto, impulsionada por Rosa Cukier (em comunicação verbal em Salamanca) que afirmou ser importante continuar falando disto e por Sergio Perazzo ⁹ (escritor psicodramatista dos mais sérios e conceituados, com uma produção farta e criativa no nosso meio) diz, em sua réplica ao artigo de Fonseca “Psicodrama ou neo-psicodrama” ¹⁰(referindo-se à tele e à transferência), que:

“... a amplitude e a complexidade do assunto demonstram que por mais que se fale dele ... nem por isto está esgotado”.

Acreditamos, então , que se nem “*simples*” conceitos como o de tele e transferência não estão ainda esgotados, o que dizer de duas abordagens tão importantes quanto o Psicodrama e a Psicanálise ? Por isto peço aos colegas que me perdoem por trazer este assunto mais uma vez à baila.

Assim, sem citar os psicodramatistas do Teatro Espontâneo ou aqueles que ainda se consideram “fiéis” a Moreno ¹¹, queremos levantar algumas hipóteses sobre a história de Moreno-Freud. A primeira hipótese que

⁹ PERAZZO, S. - « Comentário sobre o trabalho de José Fonseca « Psicodrama ou Neo-Psicodrama ? In: Revista da Sociedade de Psicodrama de São Paulo - SOPSP. Psicodrama. Ano IV, n. 4, agosto de 1992.

¹⁰ FONSECA, J. - “Psicodrama ou neo-psicodrama” in: Psicodrama, ano IV, 4, 1992.

¹¹ Remeto os leitores ao texto de Fonseca, pois creio que não cabe discutir aqui se existem ou não os **verdadeiros** Morenianos. Analisamos, mais profundamente esta questão em nossa monografia.

levantamos é se esta “rixa” teórica não teria sido uma “incongruência” para citar a sociometria de Moreno ? Nos atrevemos a pensar desta forma pensando no fato de que Moreno sempre «valorizou» muito Freud. Evidentemente, entendemos este «valorizou» bem no sentido do que ensina o senso comum: « *falem mal, mas falem de mim* ». Creio que ninguém duvida de que a «polêmica» Freud-Moreno se deu apenas numa via de mão única. Como sabemos, Freud não teria tido nenhuma participação nela. Afinal, ele só viu Moreno uma vez na vida, após uma conferência que pronunciara. Como para Dias Reis ¹² :

“as relações téticas, do ponto de vista da percepção seriam configuradas pelas mutualidades. As relações transferenciais, pelas incongruências” (o grifo é nosso) .

Poderemos então supor não ter havido nesta *escolha* nem reciprocidade, nem tele, *apenas transferência !!!* Freud, provavelmente nem teria entendido a colocação de Moreno, naquele encontro. Mas isto é apenas especulação...

Por isto queremos agora embasar a nossa hipótese teoricamente. Acredito que, alguns poderão concordar conosco, ser lícito fazer esta leitura uma vez que somos terapeutas e portanto podemos nos permitir avançar um pouco além do que percebe um leigo, ou não ? Dito de outro modo: talvez não seja um crime ler nas entrelinhas... Assim, mesmo sabendo que, certamente, alguns considerarão um sacrilégio as nossas colocações, resolvemos prosseguir.

A nossa hipótese se apoia no conceito de denegação (*Verneinung*). Freud ensinou em seu artigo “A negativa” ¹³ (denegação, como é chamada mais comumente, entre nós) que o inconsciente só se apresenta em sua positividade. Ou dito de outra forma : o inconsciente não conhece o “não”. A denegação segundo Freud seria “...*uma maneira de tomar conhecimento do reprimido*” Assim, Freud demonstra que toda vez que o sujeito nega enfaticamente algo, ele sem o saber inclui em sua negativa a afirmação daquilo que ele deseja negar.

¹² DIAS REIS, M. citado em PERAZZO, S. “Ainda e Sempre Psicodrama” . São Paulo, Ágora, 1994.

¹³ FREUD, S. - “A negativa” (1925) in: Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de S. Freud. Vol. XIX , Imago, Rio de Janeiro, 1976.

Isto também foi compreendido por Hegel quando fala da *Aufhebung*¹⁴. Termo de difícil tradução, em português, mas muito bem explicitado por Jean Hyppolite¹⁵ que demonstra que o sujeito **ultrapassa** (quando está pronto para aceitar) **conservando** (quando continua a abominar).

Esta inversão de sentimentos e pensamento se dá então por repressão. Essa última, poderemos talvez acrescentar, ocorre por vários motivos, entre os quais é possível pensar também que seja oriunda de bloqueios provocados por vaidades ou narcisismo conscientes ou inconscientes.

O exemplo que Freud fornece é o de um paciente, *a quem não se perguntou nada*, que afirma enfaticamente que a mulher com a qual ele sonhou **não é sua mãe**. Por mais que esta tenha muitas características semelhantes à sua genitora (ou não). Freud se pergunta o que faz alguém responder a algo que não lhe foi perguntado, e de forma tão veemente. Chega à conclusão então que o sujeito está respondendo a si próprio. Está afastando uma idéia que teria lhe ocorrido à cabeça e que é inadmissível, por qualquer razão. Assim, a primeira idéia que surge é : *“esta é a minha mãe”*, que rapidamente é transformada em : *“não, esta não é minha mãe”*.

Permitimo-nos então perguntar se Moreno tudo fez para se opor à... Freud, tão somente ? Ou, se tudo que ele fazia ou dizia não era também *contra a idéia* vigente (e possivelmente dele próprio) de que a psicanálise era o sistema de tratamento mais utilizado, valorizado e procurado na época ? Talvez ele também se desse conta de que a descoberta de Freud efetuava, **realmente**, um corte epistemológico. Afinal, ele fazia uma verdadeira revolução Copernicana ao descentralizar o homem de si mesmo. Ele ensinava que não somente o homem não era o dono do universo, mas tampouco era dono de si mesmo (em sua totalidade).

¹⁴ HEGEL, G.W.F. - “A fenomenologia do espírito” . Abril Cultural, São Paulo, 1980. Série “Os Pensadores”.

¹⁵ Citado em LACAN, J. - “Écrits” . Éditions du Seuil, Paris, 1966.

Ainda e sempre pensando na sociometria de Moreno ¹⁶, nos perguntamos porque Moreno nunca conseguiu permanecer indiferente à Freud e à Psicanálise, como tantos outros ilustres escritores ?

É devido a estas questões que optei por nomear este trabalho de “Crônica de uma teoria anunciada” . Moreno, certamente, deveria ter consciência, de uma forma ou de outra, que Freud tinha feito uma descoberta da maior importância : o inconsciente. Mas também estava certíssimo nas várias críticas que ele fazia à psicanálise. Tanto que “*Quem Viveu Viu*”:

- a decadência dos analistas “desencarnados” como os chama Maud Mannoni¹⁷.
- as críticas feitas pelos próprios analistas mais modernos (como Winnicott, Joyce Macdougall, Masud Khan, entre outros) de que a investigação clínica ficou paralisada.
- a desqualificação total e completa dos sintomas.
- O sonho de melhorar “o ser analista” ¹⁸ foi tomando o lugar da preocupação com o paciente , caindo no erro de colocar o paciente a serviço do analista e não, como é mister ocorrer, colocar a análise a serviço do paciente.
- Alguns analistas tornaram-se prisioneiros da investigação teórica , ficando muito preocupados em sobreviver num mundo de alta competitividade intelectual.
- A falsa “neutralidade”, impossível de ser alcançada por qualquer ser humano
- e, finalmente, o “Retorno do filho pródigo” ¹⁹ Ferenczi, que hoje é retomado com toda força pelos analistas mais modernos nacional e internacionalmente ²⁰.

Ferenczi ²¹, já na época, revolucionou a psicanálise pois incluía a “técnica ativa”, a “neo-catharsis”, e o “relaxamento” entre outras. Por isto ele foi

¹⁶MORENO, J. L. « Psicoterapia de Grupo e Psicodrama », São Paulo, Mestre Jou, 1975

¹⁷ MANNONI, M. - “A teoria como ficção” . Campus, Rio de Janeiro, 1982.

¹⁸ Idem, ibidem, pag. 108.

¹⁹ LEVY, L. “ O retorno do filho pródigo” . Monografia de conclusão de curso de formação para obtenção do título de Psicanalista pela Sociedade psicanalítica do Rio de Janeiro, ligada à IPA (International Psychoanalytical Association), 1995.

²⁰Estas são apenas algumas críticas, entre várias outras, que podem ser feitas à psicanálise. Entretanto, nos limitamos a estas por uma simples questão de tempo.

execrado pela comunidade psicanalítica durante muitos anos. Entretanto, por uma questão de justiça²², podemos facilmente reconhecer hoje que não só ele está sendo estudado pelos psicanalistas mais modernos, como também que encontramos, em sua abordagem, muitas semelhanças com o que é praticado atualmente por várias correntes terapêuticas, incluindo o psicodrama.

Os que desconhecem Ferenczi, e a evolução atual da psicanálise, poderão retrucar: “Mas o que que isto tem a ver conosco ?” ou então “Não estamos nem um pouco interessados em Freud, ou no inconsciente o nosso objetivo é o aqui e agora” ou ainda como nos diz Gonçalves dos Santos²³:

“... a psicanálise concebe o homem enquanto negatividade, ser do desejo e da falta, do ocultamento da verdade. O Psicodrama o concebe enquanto positividade, ser da substância e do conteúdo, da espontaneidade, da revelação da verdade e da ação”

A visão positivista e otimista feita por Gonçalves dos Santos não deixa de ser extremamente sedutora apesar de algo ingênua. Quem pode afirmar que o homem, em toda sua pujança, não inclui em si mesmo as duas concepções mencionadas acima ? Ou dito de outra forma: existiria alguém que só tenha esbarrado em seu consultório com *este* homem **apenas** como “um ser da positividade, da substância e do conteúdo, da espontaneidade, da revelação da verdade e da ação”? Se existe tal ser, certamente ele não estaria nos procurando para se tratar. Ou então todos os pacientes rápida e magicamente transformariam suas vidas para melhor. Honestamente, será que é realmente assim ? Não sofremos, enquanto terapeutas, por perceber as dificuldades e a dor de nossos pacientes por não conseguirem modificar o que desejam apesar de ser este, aparentemente, um anseio muito intenso ?

Os terapeutas familiares, como Andolfi²⁴, por exemplo, que não trabalham psicanaliticamente, são enfáticos ao afirmar que os nossos pacientes nos pagam para *não mudar*. Infelizmente, parece existir uma necessidade imperiosa

²¹ FERENCZI, S. - “Perspectivas em Análise (em colaboração com Otto Rank- 1924) Martins Fontes, São Paulo, 1983.

²² LEVY, . L. - “Por uma questão de justiça” . Trabalho apresentado na Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. 1993.

²³ SANTOS , A G. - “Réplica a Psicodrama ou Neopsicodrama ?” de Fonseca Filho, J. S. in : Psicodrama, Revista da Sociedade de Psicodrama de São Paulo - SOPSP. Ano IV, 4, 1992.

²⁴ ANDOLFI, M. - “Por trás da máscara familiar”. Artes Médicas. Porto Alegre, 1994.

de manter o “status quo” vigente. Qual dentre nós, psicoterapeutas, não percebe isto muito claramente em sua prática diária?

Assim, retornando à nossa hipótese, o que eu gostaria de perguntar agora é se Moreno tinha um inconsciente ? Ou seria ele diferente de todos os mortais ? Sabemos que ele se dizia Deus. Mas será que é possível aceitar esta afirmação ao pé da letra ? Sem dúvida alguma Moreno foi um gênio, brilhante e criativo, e previu os impasses e possíveis fracassos da psicanálise. Nos deixou um legado riquíssimo que se bem aproveitado pode beneficiar não só os pacientes mas também várias formas de terapia, inclusive a psicanálise.

Quero acreditar também em Moreno quando afirma que todos nós somos Deuses. Penso apenas que estamos, muitas vezes, aprisionados em “feridas infantis” que podem nos transformar em seres humanos robotizados ou empobrecidos. Mas o que de fato impede que o nosso Deus interior se manifeste ? Acredito que sejam realmente as nossas vivências e experiências enquanto seres humanos inseridos numa sociedade e em constante relação com os “outros” significativos de nossa vida (pais, amigos, etc, etc..)²⁵.

O filme que passou recentemente nos cinemas chamado “O gênio indomável” reflete muito claramente o que queremos dizer. Neste filme o “herói” é apresentado como alguém que nasceu com um “dom” muito especial. Esta herança, no entanto, era escamoteada por uma extrema dificuldade de relacionamentos. Mesmo sem que percamos tempo relatando o filme todo, cabe perguntar quantos de nós não sofrem do mesmo mal ? Quantos indivíduos não poderiam desabrochar completamente servindo mais a si mesmo e à humanidade se pudessem perceber, entender, viver e promover mudanças naquilo que provoca o embotamento afetivo, que se manifestará de uma forma ou de outra.

Moreno, como qualquer ser humano, também teve infância, ou não ? Teria sido ele também marcado a ferro e fogo, no corpo e na alma, pelas suas figuras parentais, como qualquer ser humano ou não ? Será que ele conseguiu fugir

²⁵ CUKIER, R. “Sobrevivência Emocional: as feridas da infância revividas no drama do adulto. São Paulo, Ágora, 1998.

destas marcas ? A impressão que temos, lendo a sua biografia²⁶ é que havia uma questão complicada com seu pai, muito camuflada, *denegada* e citada “*en passant*”. Mas, para um observador atento fica fácil perceber que ele teria *transferido* (usando este termo aqui com o maior rigor psicanalítico) para Freud sua ambivalência em relação à figura do pai. Parece evidente que Moreno *precisava* superar este *pai-Freud*.

Por isto, muito do que ele fazia ou dizia *tinha que ser contra ele*. Assim, apesar de se proclamar o maior e melhor, o seu referencial era sempre o mesmo... Freud e a psicanálise. Nas entrelinhas, podemos entender isto como se Moreno fosse *um deus*, mas Freud fosse **o Deus**.

Resumindo: o que estamos tentando dizer é que Moreno com a sua *denegação* estava *reconhecendo* e *confirmando* o valor e a importância de Freud e de sua descoberta. Isto foi sendo percebido e compreendido, aos poucos, por vários conceituados e sérios psicodramatistas como tão bem colocado por uma psicodramatista, num Congresso de Terapia Familiar em Gramado em 1996. Ela dizia, com muita propriedade que os psicodramatistas como filhos adolescentes se *rebelaram* contra os pais (psicanalistas) numa tentativa de se firmarem e afirmarem suas posições tentando se distanciar o máximo possível de seus ensinamentos. Entretanto, ao atingir a *maturidade* e a certeza de seus conhecimentos puderam se dar conta do quanto *os pais* poderiam estar certos (pelo menos em certas colocações) podendo então acrescentar a seu próprio conhecimento o que de bom herdaram de seus antecessores.

Acredito que por isto psicodramatistas como Fonseca, Naffah, Camila Salles Gonçalves, Rosa Cukier, Perazzo, entre outros, com a prática e a vivência terapêutica sem querer ofender o pai (Moreno), permitem-se usar e valorizar a psicanálise naquilo que pode ser útil para a praxis.

A nosso ver, Camila Gonçalves²⁷ efetua um casamento perfeito quando afirma que :

²⁶ MARINEAU, R.F. - “Jacob Levy Moreno - 1889-1974. O Pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo” . Ágora, São Paulo, 1992.

²⁷ GONÇALVES, C. S. - “A questão da fala no Psicodrama: Respeitando o óbvio” in: Revista Brasileira de Psicodrama, Vol. 2, fasc. 1, 1994.

“A dramatização permite transformar em via os desvios da fala, este é o verdadeiro fundamento de um psicodrama que se pode praticar **hoje em dia**” (grifos nossos).

Parece, realmente que ela ouviu os dois mestres. Senão vejamos: Freud chamou a sua psicanálise de “talking cure”. Com certeza, ele valorizava muito as palavras como nos mostra o texto abaixo:

“Que faz o analista com o seu paciente ? (pergunta a Freud seu interlocutor imaginário) -
Conversam... - Nada mais ? Palavras, palavras, palavras, como diz o príncipe Hamlet.
A palavra - responde Freud - é um poderoso instrumento... a palavra é um ato mágico”²⁸

E Moreno, sabiamente dizia:

“existem palavras sábias, mas a sabedoria não é suficiente, falta ação”

Finalmente, para terminar eu gostaria de montar uma cena... uma **outra** cena, além daquela sobejamente conhecida e utilizada como bandeira pelos que ainda insistem em manter como rivais, distantes e irreconciliáveis as duas abordagens.

Primeira Cena: (regressiva - enrijecida e cristalizada)

Viena, 1912 (ou 1914 ? ²⁹). Após assistir a uma palestra de Freud, Moreno se dirige a ele e diz neste rápido e fugaz encontro :

“Eu começo onde o senhor termina. O Sr. interpreta os sonhos, eu ajudo as pessoas a vivenciarem seus sonhos”.

Segunda Cena: (progressiva - dinâmica e **atualizadora**)

²⁸ FREUD, S. - “A questão da análise leiga” nas Edições completas de Sigmund Freud, Imago, Rio de Janeiro, 1977.

²⁹ MARINEAU, R. F. - idem, ibidem.

Brasil, 1998. Discípulos de Moreno *encontrando-se* (no melhor sentido psicodramático) com discípulos de Freud (apenas os mais progressistas e criativos) dizem:

Ambos estamos começando, pois o ser humano está sempre no devir ou no vir-a-ser. Podemos caminhar juntos para o bem dos homens e da humanidade, como Deuses condescendentes e magnânimos quanto às diferenças e semelhanças, somando forças para auxiliar este ser uno, que é o nosso paciente, em toda a sua riqueza, potencialidades e complexidade.

Assim, apesar de alguns psicodramatistas como Gonçalves dos Santos³⁰ (no texto acima citado) ainda dizerem:

“que as concepções de ser formuladas pela psicanálise e pelo psicodrama não se somam nem se justapõem”,

prefiro ficar com Bustos³¹ que diz:

“... se a psicanálise e o psicodrama forem tomados como alternativas absolutas acarretaria com isto uma parcialização empobrecedora dos possíveis benefícios que poderiam extrair uma da outra”

Finalmente, para concluir, quero dizer que meu otimismo me faz pensar na psicanálise e no psicodrama (ou seja em Freud e Moreno) como primos-irmãos, à semelhança dos árabes e israelenses. Como egípcia-judia, criada no Cairo, nunca vi tamanha hospitalidade, amizade e carinho quanto os nossos anfitriões egípcios-árabes. Infelizmente, ao brigarem pelos territórios transformaram uma antiga amizade numa ferrenha guerra. Assim, também quero crer que se forem eliminadas as desavenças por brigas teóricas, de ego e ou de poder, muito se enriqueceriam tanto o psicodrama quanto a psicanálise.

³⁰ SANTOS, A G. - idem, ibidem.

³¹ BUSTOS, D. - “Novos rumos em Psicodrama”. Ática, São Paulo, 1992.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AGUIAR, M. As diferentes focalizações na prática do psicodrama. In: Petrilli, Silvia R.A. (org), **Rosa-dos-ventos da Teoria do Psicodrama** (1994). 1 ed. São Paulo, Ágora, 1994.
2. ANDOLFI, M. **Por trás da máscara familiar**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
3. BUSTOS, D. **Novos Rumos em Psicodrama**. São Paulo, Ática, 1992.
4. CUKIER, R. **Psicodrama Bipessoal. Sua técnica, seu terapeuta e seu paciente**. São Paulo, Ágora, 1992.

5. ----- **Sobrevivência Emocional: as feridas da infância revividas no drama adulto.** São Paulo, Ágora, 1998.
6. FERENCZI, S. **Perspectivas em análise** (em colaboração com Otto Rank, 1924). São Paulo, Martins Fontes, 1983.
7. FONSECA FILHO, J. S. Psicodrama ou Neo-Psicodrama ? **Revista da Sociedade de Psicodrama de São Paulo - SOPSP - Psicodrama.** Ano IV - n. 4, agosto de 1992.
8. FREUD, S. A negativa (1925) . In: **Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de S. Freud.** Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
9. ----- A questão da análise leiga (1925-1926) In: **Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de S. Freud.** Vol. XX. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
10. GONÇALVES, C. S. A questão da fala no Psicodrama: respeitando o óbvio. In: **Revista Brasileira de Psicodrama.** v. 2, fasc. 1, p. 1994.
11. HEGEL, G.W.F. A fenomenologia do espírito. In: **Série os Pensadores.** São Paulo, Abril Cultural, 1980.
12. LACAN, J. **Écrits.** Paris, Editions du Seuil, 1966.
13. LEVY, L. **Por uma questão de Justiça.** Trabalho apresentado na Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. 1993.
14. ----- **Freud - atual ou ultrapassado ?** Trabalho apresentado no Delphos Espaço Psico-Social, Rio de Janeiro, 1994.
15. ----- **O retorno do filho pródigo.** Monografia de conclusão de curso de formação para obtenção do título de Psicanalista pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro - ligada à IPA (International Psychoanalytical Association). 1995.
16. MANNONI, M. **A teoria como ficção.** Rio de Janeiro, Campus, 1982.
17. MIJOLLA, A. **Revista Internacional da História da Psicanálise.** Trad. Hoory, L. L. n. 2. Rio de Janeiro, Imago, 1989.
18. MORENO, J. L. **Psicoterapia de Grupo e Psicodrama.** São Paulo, Mestre Jou, 1974.
19. ----- **Psicodrama.** São Paulo, Cultrix, 1975.
20. ----- **Quem sobreviverá ? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama.** Trad. Alessandra Rodrigues de Faria, Denise Lopes Rodriguense Marcia Amaral Kafuri. v. 1. Goiânia, Dimensão, 1992.

21. MARINEAU, R.F. **Jacob Levy Moreno, 1889-1974 - Pai do Psicodrama, da Sociometria e da Psicoterapia de Grupo.** Trad. José de Souza Mello Werneck. São Paulo, Ágora, 1992.
22. NIETZSCHE, F. W. Obras Incompletas. In: **Série Pensadores.** São Paulo, Abril Cultural, 1978.
23. PERAZZO, S. Comentários sobre o trabalho de José Fonseca: «Psicodrama ou Neo-Psicodrama ?» In: **Revista da Sociedade de Psicodrama de São Paulo - SOPSP. Psicodrama.** Ano IV, n. 4, agosto de 1992.
24. ----- **Ainda e Sempre Psicodrama.** São Paulo, Ágora, 1994
25. PONTALIS, J.B. Bornes ou Confins ? In: **Nouvelle Revue de Psychanalyse.** Paris, Gallimard, n. 10 Automne, 1974.
26. SANTOS, A. G. Comentário do Artigo «Psicodrama ou Neo-Psicodrama ?» In: **Revista da Sociedade de Psicodrama de São Paulo - SOPSP. Psicodrama.** Ano IV, n.4, agosto de 1992.